

DO TEXTO-PROVA À PREGAÇÃO EXPOSITIVA: TRAJETÓRIA HERMENÊUTICA E DESAFIOS HOMILÉTICOS NA HISTÓRIA DO ADVENTISMO CONTEMPORÂNEO

  Davi Boechat Paiva de Azeredo Coutinho ^{1,*}

  Fábio Augusto Darius ²

RESUMO

Este artigo analisa a trajetória hermenêutica da Igreja Adventista do Sétimo Dia e seus impactos na prática homilética. Parte-se da hipótese de que a herança bíblicista de Guilherme Miller, consolidada em suas regras de interpretação estruturadas em textos-prova, consolidou a prática de ensino da Bíblia com a prevalência de sermões temáticos. Desde meados do século passado, a denominação avançou em sua produção acadêmica, desenvolvendo ferramentas exegéticas e hermenêuticas mais robustas. Não obstante, os impactos dessa virada parecem não ser tão relevantes no púlpito. A partir de revisão bibliográfica sobre a pregação e interpretação bíblica adventista, este trabalho propõe que a pregação expositiva oferece uma alternativa consistente para desafios contemporâneos da hermenêutica e homilética na comunidade adventista. Ao conectar o sentido do texto tencionado ao público original à sua aplicação aos ouvintes atuais, essa modalidade desempenha função pedagógica, ensinando a comunidade a ler a Bíblia de forma mais compatível com os postulados de interpretação bíblica adotados pela denominação, depreendidos da própria Escritura. Conclui-se que é necessária uma renovação homilética no adventismo, que os aperfeiçoamentos hermenêuticos realizados no contexto dessa tradição nos últimos anos são cruciais nesse processo e que a pregação expositiva pode ser uma catalisadora dessa transformação.

Palavras-chave: Adventismo. Hermenêutica. Homilética. Teologia Prática.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (PPGT/Unasp). Editor da Unaspress, Editora Universitária Adventista, Brasil.

² Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo. Docente no Programa de Pós-Graduação em Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (PPGT/Unasp), Brasil. E-mail: fabio.darius@unasp.edu.br.

Submissão: 08/2025

Aceite: 12/2025

***Autor correspondente:**

davibpac@gmail.com

Como citar

COUTINHO, D. B. P. A.; DARIUS, F. A. Do texto-prova à pregação expositiva: trajetória hermenêutica e desafios homiléticos na história do adventismo contemporâneo. **Práxis Teológica**, volume 21, número 1, e-2361, 2025. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2025v21n1.e2361>.



ABSTRACT

This article analyzes the hermeneutical trajectory of the Seventh-day Adventist Church and its impact on homiletical practice. It starts from the hypothesis that William Miller's biblicist heritage – consolidated in his interpretative rules structured around proof texts – established the practice of teaching the Bible mainly through topical sermons. Since the mid-twentieth century, the denomination has advanced in its academic production, developing more robust exegetical and hermeneutical tools. Nevertheless, the impact of this shift does not seem to be as significant in the pulpit. Based on a literature review of Adventist preaching and biblical interpretation, this paper proposes that expository preaching offers a consistent alternative to contemporary challenges in hermeneutics and homiletics within the Adventist community. By connecting the intended meaning of the text for its original audience to its application for today's listeners, this preaching model performs a pedagogical function, teaching the community to read Scripture in a way more consistent with the denomination's principles of biblical interpretation – derived from Scripture itself. It concludes that a homiletical renewal within Adventism is necessary, that the hermeneutical improvements developed within this tradition in recent years are crucial to this process, and that expository preaching can serve as a catalyst for this transformation.

Keywords: Adventism. Hermeneutics. Homiletics. Practical Theology.

INTRODUÇÃO

Sendo o púlpito um dos principais meios de ensino da Bíblia, a discussão sobre ele é sempre relevante. Nos últimos anos, pesquisas sobre a pregação no contexto da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) têm sido feitas, aprofundando aspectos da história, teoria e prática (Blanco, 2017; Olivares; Ulloa; Cavalcanti, 2022; Boechat, 2023; Gonçalves, 2025). O debate acerca do predomínio do sermão temático e da ausência de sermões expositivos tem sido um dos temas explorados. Parte-se da hipótese de que essa predominância pode ser explicada pelo desenvolvimento histórico da interpretação bíblica do adventismo.

A partir de revisão bibliográfica, esta pesquisa se propõe a analisar a relação entre a hermenêutica adventista e seus impactos da prática homilética da denominação. Embora o adventismo tenha avançado significativamente em aspectos relacionados à interpretação bíblica ao longo do século XX, os sermões mantiveram traços da herança deixada por William Miller (1782-1849), ainda hoje relevante para o adventismo (Blanco, 2017, p. 33-37). Evidência dessa influência é a utilização de textos-prova para sustentações proposições doutrinárias, lógica subjacente às pregações temáticas.

À luz do reconhecimento dessa herança, propõe-se a seguinte indagação: a pregação adventista contemporânea acompanha os desenvolvimentos hermenêuticos da denominação? No século XX, análises históricas e literárias ganharam destaque no trabalho dos teólogos adventistas, que se tornaram mais profissionais, técnicos e apurados em suas ferramentas de interpretação (Timm, 2007, p. 7-10).

Para responder a essa questão, esta pesquisa desenvolve-se em quatro seções. A primeira se propõe a estabelecer a relação entre a hermenêutica milerita e a pregação adventista. Investigaremos as evidências de que essa maneira de ler a Bíblia impactou também a forma de pregar, conforme reconhece Blanco (2017, p. 49) ao abordar a pregação de Miller e do adventismo primevo. Com base na afirmação de Crocombe (2014, p. 237) sobre a perenidade da influência de Miller na hermenêutica adventista contemporânea, inferimos que seus impactos podem também ser sentidos na pregação.

Na segunda seção, traremos uma perspectiva dos desenvolvimentos hermenêuticos do adventismo no decorrer do século XX. Dada a abrangência do tema, trabalharemos de forma mais específica com o problema do texto-prova, que compreendemos ser herança de Miller ir às Escrituras “não levando em conta os gêneros literários, o contexto histórico dos versos bíblicos, e sem se preocupar com o sentido original do texto” (Malheiros, 2015, p. 19). Essa prática seria considerada equivocada pelos adventistas contemporâneos.

A terceira seção será dedicada a apresentar apontamentos de pastores da denominação sobre a saúde do púlpito adventista no decorrer do século XX. Os textos foram extraídos da *Ministry*, periódico destinado a pastores da IASD. Considerando as limitações de espaço, trabalharemos com um período que compreende as décadas de 1930 e 1950, cruciais para a profissionalização do ministério adventista (Sepulveda, 2007). Percebe-se que à medida que crescia o nível de conscientização sobre os métodos de interpretação bíblica, críticas às práticas homiléticas até então consolidadas se intensificavam. Esses textos podem ser encontrados na plataforma *Adventist Archives* (<http://adventistarchives.org>), um repositório on-line mantido pela Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. Foram empregadas na pesquisa as expressões “expository sermon” e “expository preaching”. Também devido à limitação do espaço, nem todos os textos foram utilizados. Para uma abordagem mais abrangente de publicações adventistas laudatórias à pregação expositiva, confira Boechat (2023) e Gonçalves (2025).

Por fim, a quarta seção pretende mostrar que, com base nos levantamentos e análises, a pregação expositiva é uma alternativa mais consistente e compatível com os avanços reconhecidos no campo da interpretação bíblica adventista, embora pouco utilizada. Acreditamos que essa metodologia é capaz de educar a comunidade para uma leitura mais responsável das Escrituras.

Uma vez que a pregação temática é mais vulnerável a equívocos, dada a limitação dos textos-prova, isto é, a seleção de versículos isolados para sustentar argumentos, compreendemos que a pregação expositiva pode resultar em uma proclamação mais abrangente e fiel das Escrituras, sendo mais compatível com os desenvolvimentos da hermenêutica adventista nas últimas décadas.

GUILHERME MILLER E A CONSOLIDAÇÃO DO SERMÃO TEMÁTICO

Para entender a prevalência dos sermões temáticos no adventismo contemporâneo, é preciso conhecer as raízes de sua tradição hermenêutica. As concepções de Guilherme Miller (1782-1849) foram essenciais ao desenvolvimento desse modelo hermenêutico. Na primeira metade do século XIX, o movimento milerita estava baseado em uma tradição interpretativa bíblica que privilegiava a leitura da Bíblia como um todo homogêneo, interpretando uma passagem a partir de outra e dispensando considerações sobre contexto histórico, gênero literário ou intenção autoral.

Miller descartava ainda a importância dos gêneros literários ou das intenções autorais particulares, bem como do estudo das línguas bíblicas como ferramenta exegética (Crocombe, 2014, p. 231-232; Knight, 2015, p. 35). Ele sistematizou suas regras de interpretação em 1840, citando um

verso para cada uma de suas proposições (Malheiros, 2015, p. 15-16).

Seu modelo de interpretação refletia o contexto religioso norte-americano do Segundo Grande Despertar. Esse período foi marcado por forte ênfase na leitura individual da Bíblia e pela convicção de que o texto sagrado poderia ser entendido sem a mediação da tradição ou de recursos acadêmicos (Knight, 2015, p. 33-39; cf. Tasso, 2024, p. 20-24). Os sermões mileritas eram essencialmente temáticos, organizados em torno de uma ideia central previamente escolhida, e sustentados por textos dispersos em diferentes partes da Bíblia. Segundo Blanco (2017, p. 49), mais do que uma questão de estilo, essa era uma expressão de “sua pressuposição hermenêutica”.

O movimento milerita era formado por cristãos de diferentes denominações que convergiram na crença de que a volta de Jesus tinha data marcada – 22 de outubro de 1844. Com o desapontamento, seus integrantes tiveram diferentes destinos. Alguns voltaram às suas igrejas de origem, enquanto outros seguiram estudando para compreender onde haviam errado, dividindo-se entre os que pensavam ter errado a data ou o tipo de evento de deveria ocorrer. Alguns destes dariam origem à IASD, organizada em 1863 (Knight, 2015, p. 283-303).

Além de reinterpretar o conceito de purificação do santuário – compreendendo que este não se referia à volta de Jesus, mas ao início de um evento específico no céu –, o grupo assimilou novas crenças, incluindo o sábado (Timm, 2018, p. 29-63; Schwarz; Greenleaf, 2016, p. 69). Embora Miller não tenha aderido ao grupo nem participado do desenvolvimento do corpo doutrinário, sua metodologia de interpretação e pregação bíblica subjazia a este. Nas décadas iniciais da denominação, o desenvolvimento dos estudos bíblicos evidenciou essa influência seminal. A esse respeito, Kaiser (2025, p. 342) explica:

Durante os primeiros 44 anos de existência da igreja, diversas publicações trataram de temas como: a lei de Deus; o sábado; o estado dos mortos, e ressurreição e o destino nos ímpios; e o santuário. Aplicando o princípio de que a Bíblia é sua própria intérprete, como resultado da unidade das Escrituras, os adventistas do sétimo dia reuniam um grande número de passagens bíblicas em apoio a essas crenças doutrinárias. A inclinação pelo ministério evangelístico e pragmático e em estilo de debate nas décadas de 1860 e 1870, com o objetivo de converter outros cristãos, exigia o uso de textos bíblicos específicos como evidências para doutrinas adventistas distintivas, com um foco menor no estudo de livros bíblicos inteiros, para compreender suas estruturas internas, sua representação de personagens e seu desenvolvimento de pensamento.

Embora significativa, a influência de Miller não foi solidificada como aceitação completa ao seu pacote hermenêutico. Ellen G. White (1827-1915), que era entusiasta das regras mileritas, destacou apenas cinco (elas variavam entre 16 e 19, a depender da edição), o que indica uma adesão flexível (Malheiros, 2014, p. 72, 82; Neufeld, 1974, p. 112).

Ainda no período dos pioneiros, o adventismo recebeu outros aportes. Antes da organização da denominação, a interpretação bíblica adventista, especialmente no que diz respeito às profecias, passou a contar com contribuições mais abrangentes dos demais protestantes (Timm, 2007, p. 7). Porém, rejeitando perspectivas como futurismo e preterismo, permaneciam essencialmente fiéis à escola historicista, assim como Miller, que compreendia que “os profetas deram um esboço da história desde seus dias até o fim dos tempos” (Neufeld, 1974, p. 111).

Houve também uma abertura progressiva para estudos mais avançados já nos primeiros anos da organização. Segundo Kaiser (2025, p. 334), naquela época, os pastores “não consideravam o conhecimento das línguas bíblicas um requisito essencial para exercer seu ministério”, mas “entendiam que esse conhecimento era benéfico em seus esforços para compreender melhor a Bíblia e compartilhar sua fé com pastores de outras denominações que possuíam formação teológica”.

Embora o adventismo não tivesse eruditos bíblicos, pode-se destacar o conhecimento autodidata de John Andrews (1829-1883) em diversas línguas, inclusive as bíblicas. Ainda segundo Kaiser (2025, p. 323-334), “os pastores buscam instrução e liam publicações de teólogos protestantes conservadores”, o que lhes permitia uma visão geral de temas como crítica textual e exegese bíblica.

Segundo Neufeld (1974, p. 117-121), as crenças adventistas sobre as Escrituras após a oficialização da denominação poderiam ser resumidas em sete pontos: (1) a autoridade exclusiva das Escrituras (*sola scriptura*), rejeitando qualquer tradição extrabíblica; (2) a unidade da Bíblia, vista como uma narrativa contínua de redenção centrada em Cristo; (3) a interpretação interna das Escrituras, em que um texto esclarece outro; (4) a atenção ao significado literal e contextual das palavras, considerando o uso linguístico e histórico; (5) a importância do contexto histórico e literário para compreender a intenção do autor; (6) a interpretação literal e evidente do texto, salvo em casos de linguagem figurada; e (7) o princípio tipológico, que via nas leis e rituais do Antigo Testamento prefigurações da obra redentora e sacerdotal de Cristo revelada plenamente no Novo Testamento.

Na seção seguinte, vamos abordar os desenvolvimentos da interpretação bíblica adventista na atualidade e sua tensão com a tradição..

O TEXTO-PROVA E A HERMENÊUTICA ADVENTISTA CONTEMPORÂNEA

A incorporação de novos elementos ao arcabouço hermenêutico adventista não reduziu a predominância dos pressupostos herdados de Miller, particularmente o emprego do texto-prova. Para Croombe (2014, p. 237), o biblicismo milerita “ainda impacta a forma como muitos adventistas do sétimo dia interpretam o texto bíblico no século XXI”.

Cabe aqui a diferenciação realizada por Malheiros (2014, p. 69-70) entre o texto-prova como síntese e como hermenêutica. O primeiro pode ser entendido como citação de passagens bíblicas específicas para ilustrar ou fundamentar um argumento, ao passo que o segundo utiliza versículos isolados, extraídos de seus contextos histórico-literários, como método para sustentar conclusões previamente estabelecidas. O texto-prova como síntese é legítimo, sendo utilizado para dar forma a declarações doutrinárias, já como síntese representa uma forma estreita de se relacionar com a Bíblia.

Adventistas do sétimo dia têm reconhecido os riscos do texto-prova (cf. Malheiros, 2014, 2015; Hasel; Hasel, 2019, p. 50-51). Conforme alerta Souza (2016, p. 7), “com a devida combinação de textos se pode provar qualquer coisa”. Ao ser descontextualizada, a Bíblia pode ser mobilizada para justificar todo tipo de interesse. Materiais representativos da denominação são claros nesse sentido.

Lançada originalmente pela Andrews University Press em 2010, a *Bíblia de Estudo Andrews* chegou ao Brasil em 2015 por iniciativa da Casa Publicadora Brasileira e ganhou nova edição em 2025, com a substituição de tradução da Almeida Revista e Atualizada (ARA) para a Nova Almeida Atualizada (NAA). Um dos textos preparados pelos editores afirma:

Não se deve ler apenas textos isolados das Escrituras. Eles devem ser lidos em seu contexto literário. Nenhuma passagem existe de maneira isolada. Isso não quer dizer que um único versículo ou texto da Bíblia não possa ter valor sozinho, sobretudo para a memorização. No entanto, o sentido mais pleno desse versículo ou texto só nos será acessível se entendermos o contexto em que está inserido (Dybdahl *et al.* (ed.), 2015, p. 1684).

Outra indicação contrária aos textos-prova aparece no *Tratado de Teologia Adventista*, um dos compêndios mais completos sobre as crenças da igreja. O capítulo “Interpretação bíblica”, escrito por Davidson (2011, p. 75), ressalta:

Aplicando o princípio de que a Bíblia é sua própria intérprete, Jesus, no caminho de Emaús, mostrou que tudo quanto a Escritura diz sobre determinado tema deve ser levado em consideração na interpretação do assunto (Lc 24:27, 44, 45). Isso não quer dizer que se deva usar um amontoado de “textos de prova”, sem levar em conta o contexto de cada texto. Mas, visto que as Escrituras possuem, em última análise, um só autor divino, é vital reunir tudo quanto foi escrito sobre determinado tema para se obter todos os aspectos do mesmo.

O risco desse procedimento fica claro quando se observa o uso utilitarista da Bíblia. Exemplo de como essa atitude pode acontecer são as lideranças do crime organizado no Rio de Janeiro, que recorrem a passagens isoladas para legitimar discursos de autoridade religiosa sobre territórios dominados (Manso, 2023, p. 66; cf. Costa, 2023). Nesse caso, a lógica do texto-prova transforma a Escritura em um repositório de frases de efeito para sustentar narrativas alheias ao seu propósito original. Esse uso combina com a crítica estabelecida por Paulien (2004, p. 84):

Muitas pessoas costumam estudar a Bíblia de maneira fragmentada. Leem um versículo e então o comparam com dezenas de versículos que supostamente tratam do mesmo assunto. Essas pessoas já criaram uma teoria e simplesmente procuram textos bíblicos que apoiem sua ideia. Qual é o problema com isso? A pessoa não permite que a Bíblia fale por si mesma, mas impõe suas ideias sobre os textos bíblicos. Muitos acham que existe virtude em citar grande número de versículos bíblicos, mas acabam cometendo o erro de distorcer a Bíblia.

O impacto da hermenêutica milerita pode ser visto como ambíguo. Por um lado, ofereceu aos membros do movimento a sensação de domínio da Escritura independentemente do suporte de especialistas, ampliando a responsabilidade pessoal na leitura e assimilação das doutrinas (Knight, 2005, p. 40-41). Outros benefícios incluem a confiança, a autoridade, a inspiração e a perspicuidade

das Escrituras, bem como sua centralidade na vida cristã e elaboração doutrinária (Kaiser, 2025, p. 344). Por outro lado, normalizou-se o emprego de passagens destacadas de seus contextos literários e históricos, o que poderia resultar em descontextualizações.

A próxima seção apresentará a crítica de adventistas ao sermão temático.

CRÍTICAS ADVENTISTAS À PREGAÇÃO TEMÁTICA

Sendo o púlpito um dos principais espaços de difusão e popularização da teologia, torna-se indispensável atenção constante ao conteúdo que nele é comunicado. Nessa perspectiva, a revista *Ministry* pode ser compreendida como um relevante observatório das tendências homiléticas adventistas e das críticas dirigidas a elas. Criada em 1928 como instrumento de formação continuada para pastores norte-americanos, a publicação emergiu em um contexto marcado por intensas transformações sociais, culturais e institucionais.

Naquele período, os Estados Unidos experimentavam significativo crescimento econômico, acompanhado pela ampliação dos recursos disponíveis para o desenvolvimento da igreja e pela elevação do nível educacional de seus membros. Tal cenário impôs novos desafios à liderança cristã e à prática da pregação, exigindo maior rigor intelectual e clareza argumentativa.

Conforme observa Sepúlveda (2007, p. 5), a revista incentivava os pastores a privilegiarem afirmações racionais e bem fundamentadas, em detrimento de abordagens excessivamente emotivas. As críticas dirigidas ao púlpito adventista naquele momento podem ser compreendidas, assim, como parte de um esforço de revisão e atualização das tradições homiléticas até então consolidadas.

Em 1932, B. H. Shaw apresentou um esboço de sermão baseado nas perícopes de 2 Reis 6:24-30 e 7:3-10, defendendo que embora o sermão expositivo seja “o tipo [...] mais difícil de preparar e apresentar, é um dos mais proveitosos tanto para o pregador quanto para o público”, uma vez que extrai do texto “a maior parte do material para o sermão” (Shaw, 1932, p. 11).

Meses depois, os editores da revista, Irwin H. Evans (1862-1945) e Leroy E. Froom (1890-1974), voltariam a abordar a pregação expositiva: “Sem minimizar nem a legitimidade nem o lugar dos sermões textuais e temáticos, fazemos um apelo por um renovo na ênfase sobre o sermão expositivo” (Evans e Froom, 1932, p. 32). Ao chamar atenção para a necessidade de analisar, explicar e comparar o texto com a realidade dos ouvintes, eles defenderam que as lições extraídas do texto devem ser baseadas na intenção original dos escritores bíblicos, sem alegorizações. Agir diferente disso seria violação: “Tal prática não cumpre a solene obrigação e privilégio da pregação” (Evans e Froom, 1932, p. 32).

O texto trazia ainda uma advertência sobre a prática de apelos ao final dos sermões, o que indica um processo de revisão de práticas até então bem estabelecidas, uma visão crítica de parte da tradição:

Devemos zelar com cuidado para que o apelo jamais se torne uma formalidade [...] pois uma decisão tomada diante de testemunhas deve ser fruto de uma convicção irresistível, e não uma resposta às imposições do costume, nem induzida pelo medo de parecer isolado por não responder. É preciso precaver-se contra o poder e o perigo

da psicologia de massas e dos movimentos coletivos, que se dissipam com o encanto do momento (Evans; Froom, 1932, p. 32).

No ano seguinte, Evans e Froom (1933, p. 24) dedicaram novamente páginas à defesa da pregação expositiva, afirmando que esta seria menos propensa a equívocos comuns da pregação temática: “Há uma tendência, nas apresentações temáticas, de se afastar da Palavra e de sua mensagem essencial e, conseqüentemente, de inserir uma grande proporção de teorias e opiniões humanas. Assim, a verdade fica sujeita a ser distorcida ou mal interpretada”. Ainda na perspectiva deles, a “pregação expositiva promove um conhecimento mais profundo das Escrituras e transmite a verdade bíblica de forma mais simples” (Evans; Froom, 1933, p. 24).

É interessante notar que essas considerações surgiram em uma época de profissionalização do ministério adventista, quando diversas iniciativas estavam ocorrendo para a qualificação intelectual e prática dos pastores. Em 1936, a fundação do Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia, hoje parte da Andrews University, também se inseriu nesse contexto (Knight, 2005, p. 166-169). A nova instituição teve como objetivo principal a qualificação de pós-graduação de professores das faculdades adventistas. Os novos desafios exigiam pastores capazes de oferecer novas repostas.

Em 1948, novos textos chamariam atenção para a pregação expositiva. Editor-associado da *Ministry*, Roy Allan Anderson (1895-1985) – que na década seguinte se tornaria secretário da Associação Geral e, ao lado de Froom, teria um papel de destaque na elaboração de *Questions on Doctrine* [*Questões sobre Doutrina*] – trabalhou a comparação entre o que chamou de “pregação doutrinária” e a pregação expositiva. A primeira caracterizava-se pela reunião de “vários textos das Escrituras”:

A pregação expositiva [...] busca desenvolver alguma parte específica das escrituras, talvez um capítulo inteiro, ou mesmo um livro inteiro. Não pode ser desdoutinária ou antidoutinária – pois nenhuma revelação de Deus pode ser dissociada da doutrina – mas o processo de desenvolvimento ocorrerá em grande parte dentro do ambiente da própria passagem bíblica, um desdobramento da mensagem do escritor. Características como os aspectos históricos do livro, as condições políticas, econômicas, sociais e religiosas no momento da escrita, a influência do escritor na história subsequente – todos esses e outros fatores são levados em consideração. Um grande propósito de toda verdadeira exposição bíblica é interpretar Deus e Sua vontade para o homem. [...]

Ao aplicar a mensagem da passagem bíblica, um verdadeiro expositor será preciso e informativo. Desejamos que toda pregação atingisse esse padrão. **É um raro privilégio ouvir a Palavra de Deus exposta e interpretada dentro da estrutura de sua precisão histórica e exegese textual correta.** Desenvolver-se nessa forma de pregação requer mais do que apenas uma concordância, um comentário denominacional e um conjunto de crenças doutrinárias, pois a Escritura se torna mais do que apenas algo para provar um ponto ou construir um caso. Em vez disso, é uma avenida pela qual percorremos a revelação de Deus. O pregador expositivo prossegue seu estudo seguindo estas linhas: (1) o próprio escritor; (2) o objetivo do livro; (3) sua influência sobre as gerações contemporâneas e posteriores; e (4) sua aplicação aos problemas e experiências de hoje. Conhecimento de história e arqueologia, familiaridade com as línguas bíblicas e adesão aos princípios sólidos da exegese bíblica. são todos essenciais no estudo expositivo. [...]

Requer muito mais estudo, no entanto, conhecimento mais geral e uma

consagração mais profunda para se desenvolver no campo da pregação expositiva. Mas se quisermos cumprir a injunção apostólica de "pregar a palavra", devemos expor as Escrituras. Nosso Senhor foi primeiro um estudante da Palavra, depois um expositor da revelação divina. **Certamente não estamos almejando muito se sugerirmos que o pregador adventista em uma comunidade seja conhecido como um sólido expositor evangélico da Palavra de Deus, e não apenas um palestrante sobre determinados assuntos.** Este método de estudo e ministério é mais difícil, mas promete mais inspiração tanto para o pregador quanto para a congregação (Anderson, 1948, p. 48, grifos nossos).

Os textos apontam para uma tendência de mudança, promovida por atores relevantes da Associação Ministerial. Na perspectiva deles, não cabia mais aos pastores adventistas apenas o trabalho de natureza apologética, especialmente na defesa dos aspectos distintivos da denominação. Era necessário também apresentar o texto bíblico de modo devidamente contextualizado, dando voz à Bíblia, não somente aos temas a ela subjacentes.

Uma ferramenta útil para esse fim surgiria anos depois. Entre 1953 e 1957 foi publicado o *Seventh-day Adventist Bible Commentary* [Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia]. Pela primeira vez, os adventistas produziram uma obra que estudava toda a Bíblia de forma abrangente, contextual e acadêmica, utilizando as línguas originais, a arqueologia e a crítica textual. Segundo Knight (2005, p. 169), a publicação marcou uma virada nas abordagens até então realizadas: o estudo deixava de ser baseado em textos-prova, passando a privilegiar uma leitura histórica e contextual (cf. Sepulveda, 2007, p. 8).

As discussões de uma mesa-redonda sobre pregação no Concílio da Associação Ministerial de 1958 ajudam a compreender o impacto dessas mudanças no púlpito adventista. Durante uma interação da plateia, o pastor F. F. Busch abordou a relação entre a pregação expositiva e o uso do texto-prova. A participação foi registrada na *Ministry*, que publicou as transcrições do evento:

Gostaria de mencionar uma ou duas coisas que considero muito úteis para mim e sobre as quais tenho convicções no que se refere à pregação. Nada foi dito aqui esta manhã sobre a vantagem e superioridade da pregação expositiva, mas acredito que nossa pregação, como pastores, se tornará mais poderosa, nosso povo será mais alimentado espiritualmente e haverá mais adoração em nossos cultos se nossa pregação for expositiva. Penso que nossos alunos nas faculdades frequentemente têm uma impressão errada sobre o que é pregar, porque ouvem muitos oradores brilhantes e cativantes. Não tenho tanta certeza de que ouçam muita pregação verdadeiramente sólida e expositiva da Palavra, como ela deveria ser pregada nos cultos de sábado pela manhã.

A segunda coisa que muitas vezes observamos em nossas igrejas é que nossos ministros, por causa de certos métodos evangelísticos, recaíram no método de apresentar temas doutrinários por meio de textos-prova. O pregador toma um texto e usa apenas as ideias mais óbvias e comuns que dele podem ser extraídas. Isso ocorre porque, com muita frequência, nossa pregação é principalmente temática. Acredito que precisamos fazer mais pregação textual ou expositiva. E percebo que, ao fazer isso, existem algumas regras que, se seguidas, são muito recompensadoras. Primeiro, ao preparar um sermão textual, procuro estudar qual é o verdadeiro pensamento e significado do texto. Segundo, como esse texto revela Cristo? Terceiro, há nesse texto o convite do evangelho a uma alma necessitada? Não

consulto comentários, livros ou qualquer outro recurso até que tenha passado bastante tempo, talvez horas, meditando e estudando o texto, observando todas as suas implicações. Só depois de encontrar, para minha própria satisfação, um esboço amplo e inicial, é que recorro aos comentários. Creio que isso me permitiu pregar sermões originais sobre diversos temas, usando textos comuns, mas extraindo deles pensamentos tanto novos quanto antigos.

Há pouco tempo, concluí uma série de oito sermões de sábado sobre o convite do evangelho em Mateus 11:28-30. Essa experiência foi extremamente recompensadora para mim e, acredito, também para a congregação. Sinto que é disso que precisamos: mais pregação textual, mais reflexão sobre um único texto ou uma breve passagem, até encontrarmos as riquezas e a profundidade que há nela, em vez de um uso casual ou superficial dos textos em sentido de prova. Sinto que isso melhoraria nossa pregação. Sei que melhorou a minha (More..., 1958, p. 44-45).

Esse processo de aprofundamento na interpretação bíblica, porém, não aconteceu de forma uniforme. Em algumas ocasiões, aliás, encontrou resistência. Aluno da Andrews University na década de 1960, William Johnsson (1934-2023) relata que a tentativa de ensinar uma abordagem mais exegética à Bíblia resultou em dificuldades para o professor Sakae Kubo (1926-2025). Suas aulas causaram desconforto entre estudantes de teologia e pastores ao apresentar interpretações que contrariavam interpretações tradicionais de certos textos. Kubo acabou sendo afastado da docência e transferido para a biblioteca (Johnsson, 2017).

A adesão de novas percepções sobre interpretação bíblica no adventismo acompanhou discussões sobre a necessidade de reformas no púlpito. Os textos acima mencionados, apesar de não serem uma apresentação exaustiva, mostram uma clara relação entre a tradição da utilização de textos-prova e a pregação temática. Para esses autores, o aprofundamento na interpretação bíblica implicava também um aprofundamento nos sermões, o que lhes motivou a promover sermões expositivos nas páginas da *Ministry*.

Na seção seguinte, abordaremos razões pelas quais a pregação expositiva pode servir como alternativa mais adequada que os sermões temáticos.

A PREGAÇÃO EXPOSITIVA COMO ALTERNATIVA À ABORDAGEM FRAGMENTADA DA BÍBLIA

Se o sermão temático predominou no adventismo em razão do legado hermenêutico milerita, a pregação expositiva apresenta-se como uma alternativa mais coerente com os avanços de interpretação que a própria denominação consolidou ao longo do século XX, uma vez que este se constrói a partir da própria lógica do texto bíblico, respeitando seu contexto, sua forma literária e sua teologia interna. Nesse modelo, o pregador se submete ao texto, em vez de subordinar a Escritura às suas intenções, garantindo maior fidelidade à proclamação da mensagem bíblica.

Ao passar um rolo compressor nos gêneros literários e nos contextos originais, a homilética temática corre o risco de tratar linguagem narrativa e poética como se fossem iguais, esvaziando o texto de significado. O problema com isso é que, conforme lembra Cavalcanti (2022, p. 141), as “nuances mais sensíveis de uma história, ensino, poesia, declaração, lei ou profecia só podem ser

captadas e transmitidas por meio de estudo e comunicação consistentes [...]”.

A comunidade que recebe mensagens predominantemente temáticas, baseadas em texto-prova, tende a reproduzir a mesma forma de leitura da Bíblia: seletiva, fragmentada e orientada a confirmações prévias. Conforme ressalta Osborn (1980, p. 10), esse tipo de sermão “está usando a Palavra, mas não pregando a Palavra”. Nesse sentido, a homilética adventista, em sua forma mais popular, reforça padrões de leitura que dificultam a percepção da riqueza literária e teológica das Escrituras.

Ao acompanhar o fluxo de pensamento de uma passagem inteira, os ouvintes de um sermão expositivo podem tornar-se leitores mais atentos. Assim, ao adotar a pregação expositiva como prática homilética preferencial, o adventismo teria a oportunidade de alinhar seu púlpito à maturidade teológica já presente em sua produção acadêmica.

Referindo-se ao contexto adventista, Gonçalves (2025, p. 260) chama atenção para outro aspecto que impulsiona o uso da pregação temática: o “ritmo eclético dos calendários das igrejas”. Quando a pregação fica submetida às demandas de eventos determinados pelos diversos departamentos de diferentes níveis de instâncias administrativas da igreja, a exposição profunda e das Escrituras é dificultada. Se o púlpito é reduzido a um modo de promover os objetivos estabelecidos pela liderança, pouco espaço resta para a Bíblia.

Por essa razão, é pouco aplicável ao adventismo a lógica da *lectio continua*, defendida Gonçalves (2025, p. 188-193), pela qual a pregação de textos bíblicos acontece de maneira sequenciada, culto a culto. Com exceção de semanas de oração, a aplicação do sermão expositivo de forma sequencial por longos períodos só é possível em igrejas alternativas. Nesses lugares, a agenda é mais flexível, como na Nova Semente, em São Paulo, ou congêneres, e séries são conduzidas por pastores com dedicação exclusiva àquelas igrejas. A própria cultura estabelecida da igreja, que vê o púlpito como um rodízio de assuntos e personagens, também se impõe como dificuldade.

Não obstante, a imensa maioria das igrejas está nos bairros, onde a presença pastoral pode ser precária, dada a extensão dos distritos pastorais. A pouca plausibilidade da sequencialidade, porém, não implica que sermões expositivos não sejam possíveis, uma vez que essa modalidade de pregação também pode ser realizada seguindo a lógica do calendário denominacional. O assunto da sexualidade, que pode surgir durante um culto destinado às famílias, aos jovens ou para os dias especiais da campanha Quebrando o Silêncio, pode ser trabalhado tanto por uma lista interminável de textos descontextualizados quanto por uma abordagem aprofundada de 1 Tessalonicenses 4:1-8.

Assim, embora a estrutura atual seja desafiadora, não impede mudanças sensíveis. Todo tema amparado pelas Escrituras pode resultar em um sermão expositivo, entretanto não é equivocado dizer que esse tipo de pregação desafia a imposição de agendas, conforme aponta Knight (1999, p. 19):

Quando nós pregamos de forma expositiva, da Bíblia, livramo-nos das nossas predileções pessoais e, mais positivamente, pregamos todos os assuntos sobre os quais Deus quer que falemos. Não nos preocuparemos sobre temas como mordomia, justificação, fé e obras, ou guarda do sábado. Eles estão todos embutidos repetidamente em passagens que estão esperando para ser expostas.

Por fim, cabe reconhecer ainda a necessidade de qualificação, especialmente da liderança voluntária, que não dispõe de formação teológica. Essa responsabilidade recai especialmente sobre os pastores, não raramente absorvidos por outras atividades. Knight (1999, p. 21) propõe um método empregado por ele desde a década de 1980: a leitura da Bíblia em diferentes traduções bíblicas e utilização de três diferentes comentários. Qualquer mudança no púlpito adventista exige a participação efetiva do ancionato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da trajetória hermenêutica adventista evidencia que o legado bíblicista de Miller exerceu influência duradoura na prática homilética da denominação. O uso do texto-prova, caracterizado pela justaposição de passagens isoladas para fundamentar proposições, contribuiu para a consolidação do sermão temático como forma predominante de pregação. Embora esse modelo tenha se mostrado funcional em termos de comunicação, revela também fragilidades, como a fragmentação da Escritura, a superficialidade e o risco de leituras anacrônicas.

Ainda que o adventismo tenha alcançado avanços significativos em termos acadêmicos, com uma produção exegética e teológica cada vez mais robusta, observa-se um descompasso entre a teoria e a prática: a academia produz abordagens cada vez mais apuradas para compreender as Escrituras, mas o púlpito não evidencia tais avanços.

Embora a teologia adventista tenha buscado maior rigor hermenêutico e exegético, a prática homilética conservou traços mileritas, evidenciados pela predominância de texto-prova em sermões, o que honra parte da tradição, todavia não representa os avanços. Essa desconexão não apenas enfraquece o conteúdo das mensagens, como também limita o potencial pedagógico da pregação, dificultando que os membros desenvolvam uma leitura bíblica mais sensível à forma e ao contexto das Escrituras.

O sermão temático não precisa ser eliminado; tal modalidade pode ser útil para oferecer uma visão panorâmica da Escritura ou abordar questões práticas de modo sintético (Blanco, 2017, p. 59). No entanto, seu predomínio pode produzir efeitos negativos, contribuindo para uma visão fragmentada da Bíblia, o que afeta a prática cristã.

A proposta da pregação expositiva surge como uma possibilidade de renovação pedagógica: do púlpito, a igreja aprende a ler a Bíblia de maneira mais atenta e responsável. Essa metodologia carrega ainda um caráter pedagógico: ao acompanhar a exposição de um texto, a comunidade aprende a reconhecer gêneros, estruturas e contextos, adquirindo ferramentas para uma leitura mais atenta das Escrituras.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Roy Allan. What Is Expository Preaching? **Ministry**, v. 21, n. 5, p. 46-48, maio 1948. Disponível em: <https://cdn.ministrymagazine.org/issues/1948/issues/MIN1948-05.pdf>. Acesso em: 3 out. 2025.

BLANCO, Marcos. Early Adventists' Homiletical Principles and the Expository-vs-Thematic Sermons Discussion. **DavarLogos**, v. 16, n. 1, p. 31-60, 2017. Disponível em: <https://publicaciones.uap.edu.ar/index.php/davarlogos/article/view/480>. Acesso em: 5 jun. 2025.

BOECHAT, Davi. **Palavra que alimenta**: a pregação expositiva no adventismo. Nova Iguaçu, RJ: Edição do autor, 2023.

CAVALCANTI, Diogo. Lucas 7:36-50: do texto ao sermão. In: OLIVARES, Carlos; ULLOA, Kal G. Boskamp; CAVALCANTI, Diogo (Ed.). **Interpreto, logo prego**: princípios práticos para estudar e ensinar a Bíblia. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2022. p. 141-163.

COSTA, Viviane. **Traficantes evangélicos**: quem são e a quem servem os novos bandidos de Deus. Rio de Janeiro, RJ: Thomas Nelson Brasil, 2023.

CROCOMBE, Jeff. A feast of reason: the legacy of William Miller on Seventh-day Adventist Hermeneutics. In: COLE, Ross; PETERSEN, Paul (Org.). **Hermeneutics, intertextuality and the contemporary meaning of Scripture**. Adelaide: Avondale Academic Press, 2014. p. 227-237.

DAVIDSON, Richard M. Interpretação bíblica. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 67-119.

DYBDAHL, John L. *et al.* (ed.). **Bíblia de Estudo Andrews**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

EVANS, Irwin H.; FROOM, Leroy E. Editorial Postscripts. **The Ministry**, v. 5, n. 6, p. 32, jun. 1932. Disponível em: <https://cdn.ministrymagazine.org/issues/1932/issues/MIN1932-06.pdf>. Acesso em: 3 out. 2025.

EVANS, Irwin H.; FROOM, Leroy E. Editorial Postscripts. **The Ministry**, v. 6, n. 2, p. 24, fev. 1933. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/MIN/MIN19330201-V06-02.pdf>. Acesso em: 3 out. 2025.

GONÇALVES, Cirilo. **Pregação expositiva bíblica**: uma verdade revitalizante para a pregação contemporânea. Engenheiro Coelho, SP: Espaço Fólio Editora, 2025.

HASEL, Frank; HASEL, Michael. **Como entender a Bíblia**: a arte de interpretar a palavra. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019.

JOHNSSON, William G. **Where Are We Headed?** Adventism after San Antonio. Westlake Village: Oak and Acorn, 2017. *E-book*.

KAISER, Denis. Métodos de interpretação bíblica dos adventistas do Sétimo Dia (1845-1910). In: M. HASEL, Frank (Org.). **Hermenêutica bíblica**: como interpretar as Escrituras e avaliar tendências. Tradução de Matheus Cardoso. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2025. p. 328-352.

KNIGHT, George R. **Adventismo**: origem e impacto do movimento milerita. Tradução de Marcelo Costa Dias. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

KNIGHT, George R. Como pregar a Palavra. **Ministério**, v. 70, n. 1, p. 19-21, jan. 1999. Disponível em: https://storage.googleapis.com/data.cpb.com.br/acervos/Ministerio/1999/01/MIN_A1999_M01.pdf. Acesso em: 3 out. 2025.

KNIGHT, George R. **Em busca de identidade**: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do Sétimo Dia. Tradução de José Barbosa da Silva. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

MALHEIROS, Isaac. **Dicta probantia**: análise da hermenêutica do estilo de vida do jovem adventista. 2015. 91 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2015. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/540/1/meirajr_imm_tmp362.pdf. Acesso em: 4 out. 2025.

MALHEIROS, Isaac. Dicta probantia: uma reflexão sobre o uso de “textos-prova” na hermenêutica adventista. **Revista Hermenêutica**, v. 14, n. 1, 2014. Disponível em: <https://adventista.emnuvens.com.br/hermeneutica/article/view/495>. Acesso em: 23 set. 2025.

MANSO, Bruno Paes. **A fé e o fuzil**: crime e religião no Brasil do século XXI. São Paulo, SP: Todavia, 2023.

MORE Powerful Preaching. **Ministry**, v. 31, n. 10, p. 37-46, out. 1958. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/MIN/MIN19581001-V31-10.pdf>. Acesso em: 3 out. 2025.

NEUFELD, Don F. Biblical Interpretation in the Advent Movement. In: HYDE, Gordon M. (Ed.). **A Symposium on Biblical Hermeneutics**. Washington: General Conference of Seventh-day Adventists, 1974. p. 109-125.

OLIVARES, Carlos; ULLOA, Karl Günther Boskamp; CAVALCANTI, Diogo (Org.). **Interpreto, logo prego**: princípios práticos para estudar e ensinar a Bíblia. 2. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2022.

OSBORN, John. Pseudo-Sermons. **Ministry**, v. 53, n. 7, p. 9-11, jul. 1980. Disponível em: <https://cdn.ministrymagazine.org/issues/1980/issues/MIN1980-07.pdf>. Acesso em: 9 out. 2025.

PAULIEN, Jon, **The Deep Things of God**: an insider’s guide to the Book of Revelation. Hagerstown: Review and Herald, 2004.

SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd. **Portadores de luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tradução de Francisco Alves de Pontes. 2. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2016.

SEPULVEDA, Ciro. The Tent and the Cathedral: White-Collar Adventists and Their Search for Respectability. In: **Question and Answer Sessions**: 50th Anniversary Conference. Berrien Springs: Andrews University, 2007. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1005&context=qod>. Acesso em: 9 out. 2025.

SHAW, B. H. Expository Sermon Outline. **The Ministry**, v. 5, n. 3, p. 11-12, mar. 1932. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/MIN/MIN19320301-V05-03.pdf>. Acesso em: 3 de out. 2025.

SOUZA, Elias Brasil. Submissão à Palavra. [Entrevista concedida a Wendel Lima]. **Revista Adventista**, v. 111, n. 1311, p. 6-7, jul. 2016.

TASSO, Alberto. The Second Great Awakening and William Miller's Countercultural Theological Approach: A Comparative Study. **Kerygma**, v. 19, n. 1, p. e1614, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v19.n1.pe1614>. Acesso em: 14 out. 2025.

TIMM, Alberto R. Antecedentes históricos da interpretação bíblica adventista. In: REID, George W. (Ed.). **Compreendendo as Escrituras**: uma abordagem adventista. Engenheiro Coelho, SP: Unaspesss, 2007. p. 1-14.

TIMM, Alberto R. **O santuário e as três mensagens angélicas**: fatores interativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas. Tradução de Arlete Inês Vicente. 7. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspesss, 2018.